

Evento: XXV Jornada de Pesquisa  
ODS: 4 - Educação de qualidade

## A QUESTÃO DA IDENTIDADE NA CONTEMPORANEIDADE<sup>1</sup>

### THE ISSUE OF IDENTITY IN CONTEMPORANEITY

Leandro José Kotz<sup>2</sup>, Jean Rodrigo Pinheiro<sup>3</sup>

<sup>1</sup> Pesquisa de Pós-graduação nível especialização

<sup>2</sup> Doutorando em Educação.

<sup>3</sup> Especialista em Filosofia Contemporânea. Bacharel em Filosofia. Graduando de Teologia.

**Resumo:** O presente artigo pretende apresentar uma “janela” para a realidade a partir de Zigmunt Bauman com as cinco características fundamentais da modernidade líquida. Procuramos demonstrar que, estamos inseridos em uma conjuntura na qual as estruturas esvaneceram. Portanto, aquilo que delegava segurança à existência humana, hodiernamente não nos diz muito ou nada. Aliás, para mostrar que, o mundo já havia nos dado um “aviso prévio” deste pensamento pós-moderno de instabilidade das coisas, trazemos para a argumentação, primeiramente, o filósofo grego antigo, Heráclito, que antecipa questões que são nefrágicas na Modernidade. Porém, silenciado por quase dois mil anos, não conseguimos perceber a qualidade de seu pensamento. E, por fim, confiantes de que temos ainda uma esperança na existência, apontamos para Charles Taylor e a possibilidade de narrar a identidade a partir das relações pessoais na comunidade. Nem tudo é obscuridade. Destarte a questão da identidade ganha uma nova nuance à luz do diálogo.

**Palavras-chave:** Identidade. Mundo Líquido. Fluidez. Reconhecimento. Comunidade.

### Considerações Iniciais

Estamos a adentrar num ambiente nebuloso, do qual muitos já falaram e poucos conseguiram chegar a um ponto de solidez de argumentos para definir a questão mais instigante que a modernidade já pode levantar: “Quem sou eu?”. É óbvio que aqui não temos a pretensão de dar um *xequê mate* com relação à identidade. Também se faz, de antemão, sabido que, em meio a fragmentação e dissolução das certezas dos conceitos na pós-metafísica-fundacional, não podemos dar uma palavra final acerca da identidade, e sim, contrariando Wittgenstein<sup>[1]</sup>, nós podemos apenas falar, ou ao menos investigar! Se, não for o dever da filosofia investigar as questões acerca do homem e do mundo, como poderíamos deixar de perceber que a questão da identidade se torna uma mola propulsora para o conhecimento? Ficamos atônitos e perplexos diante desta densa nuvem que é a identidade, na qual diria Sartre, estamos aí, jogados a mercê de nossa própria sorte<sup>[2]</sup>. O mundo devora friamente as tentativas de uma autenticidade identitária, pela globalização, mercantilização, redes sociais virtuais, *Fake News* e luta pela economia que se sobrepõe à vida. Ser autêntico se tornou um mal-estar pós-moderno, já que a corrida econômica freia a busca de sentido da própria vida, fazendo da vida um “Mal Banal”<sup>[3]</sup>, nas palavras de Arendt. Na contemporaneidade, percebemos a supervalorização do mercado em detrimento da humanidade. Ora, chegamos ao ponto em que diante de uma pandemia exterminadora, levanta-se a questão sobre quem vamos salvar, a “humanidade ou

Evento: XXV Jornada de Pesquisa

ODS: 4 - Educação de qualidade

a economia?”. Tal questão jamais poderia estar posta num mundo sonhado na pós-guerra mundial, num mundo mais humano, de direitos, de fraternidade e igualdade, num mundo das minorias, dos excluídos, dos fracos. Enquanto isso, a identidade flui, e a pergunta surge: a história já não teria nos dado um alerta?

No decorrer da história da filosofia percebemos a ideologização dos conceitos que barram a criatividade humana de investigação. Ora, se não percebemos o quanto a filosofia fundacionista barrou a angústia existencial humana de pensar sobre si mesmo, forjando um alicerce no qual apenas as “muletas” fundacionais fazem-nos parar em pé, não poderemos, então, investigar a identidade em tempos de liquidez. Para isso, na primeira seção, faremos um esforço de voltar à Antiguidade e apresentar uma filosofia que adormeceu por dois milênios, para hoje ser um dos referenciais mais proeminentes. Heráclito de Éfeso que, de antemão já alertava para a inconsistência do ser, sua fluidez, que se torna movimento constante, jamais estagnado seja no tempo real ou conceitual. Compreendendo a filosofia de Heráclito, podemos chegar até a segunda seção desta pesquisa no que tange aos conceitos de Zigmunt Bauman, sobre a liquidez da modernidade, e, conseqüentemente, da identidade. Com Bauman, apresentamos uma “janela da realidade”, quando nos deparamos com as 5 características fundamentais da mudança de tempos, do moderno ao pós-moderno, das certezas às incertezas, do sólido ao líquido. E, na terceira seção, nos utilizamos do otimismo de Charles Taylor apostando na capacidade formativa do homem, que permanece num constante crescimento da construção da identidade, nas suas relações quotidianas dialéticas e no reconhecimento dado e recebido na comunidade em que vive. Assim, sem a pretensão de ser negativista, pretendemos aqui apresentar de modo singelo, uma interpretação acerca da nebulosidade da identidade na pós-modernidade, projetando luzes acerca de uma questão antiga, porém não anacrônica, “quem sou eu?”.

## 1 As raízes do problema na filosofia de Heráclito

Heráclito de Éfeso é um dos filósofos pré-socráticos que colaborou na fundação do pensamento filosófico enquanto investigação acerca da realidade existencial das coisas, do mundo e do sentido do próprio humano como movimento. Assim como seus contemporâneos, Heráclito quer dar um sentido *a priori* da realidade, por isso se entende uma explicação pautada no *logos*. Aliás, deparando-se com os princípios elaborados por Tales, Anaxímenes, Anaximandro e Parmênides[4], Heráclito encontra o conflito dos princípios e da realidade que *esta-aí*, num constante *vir-a-ser*. A verdade da água, do ar, dos elementos da natureza e do ser se dão no movimento e na fluidez da própria vida. Não há como pensar algo essencialmente se não pelo seu movimento, pois, ao limitar o caminho do conhecimento a uma via apenas, estamos ao mesmo tempo descartando todas as demais possibilidades de caminhos/métodos.

A questão da fluidez de Heráclito vem revitalizar a filosofia moderna e pós-moderna, na perspectiva da continuidade, da finitude e da compreensão do ser, nas relações entre o eu e o outro e, as inter-relações com o próprio *self*[5]. A capacidade de superar uma dogmatização e totalitarismo do conhecimento e do pensar único e estático acerca das coisas marca a fase heracliana numa história tardia de rememoração e reestruturação da humanidade mesma. Pensar a partir do movimento é

**Evento:** XXV Jornada de Pesquisa

**ODS:** 4 - Educação de qualidade

deslocar os padrões estruturais de bases fundamentais sólidas para a construção constante de si, do mundo e das coisas. Nada mais é, tudo cabe no *vir-a-ser*, ou melhor, apenas o *vir-a-ser* é constante e inconstante, finito mas inacabado, em construção.

Superando a ideia de um ser estático, único e perfeito na sua eternidade, Heráclito propõe que o ser somente se dá na sua relação com o não-ser, ou seja, no seu contrário. Temos aí um jogo natural de lutas entre o ser e o não-ser, podendo ser visto na dimensão temporal e relacional. Assim, num primeiro momento, pensar uma epistemologia das coisas que são e não são ao mesmo tempo parece algo absurdo, mas na realidade, para Heráclito, só podemos conhecer algo nesse movimento fluente de constante modificação e, todavia, construção do ser.

A ideia máxima que os fragmentos heraclianos nos apresentam é a de que “tudo flui”, pois “nos mesmos rios entramos e não entramos, somos e não somos” (HERÁCLITO, 1973, p. 90). Este pensamento expressa a compreensão de que as coisas são voláteis, passageiras, numa perspectiva de conhecimento. Há um sinal de interpretação do mundo, das coisas e de si mesmo, enquanto movimento dos contrários. O mundo é um devir, as coisas são um devir e a própria identidade humana se dá num processo de devir. Este devir é a forma de dar continuidade a um ciclo de vida com a luta criativa do ser e não-ser expandida para o mundo. Todavia, segundo Hegel, Heráclito nunca deixou de afirmar que “o ser é um, o primeiro; o segundo é o devir” (1972, p. 99).

Em rio não se pode entrar duas vezes no mesmo, sem a substância mortal tocar duas vezes na mesma condição; mas pela intensidade e rapidez da mudança dispersa e de novo reúne (ou melhor, nem mesmo de novo nem depois, mas ao mesmo tempo) contrapõe-se e desiste, aproxima-se e afasta-se (HERÁCLITO, 1973, p. 94).

Para isso, o símbolo do ser como movimento é o fogo primordial. Para Heráclito, o fogo é o símbolo da transformação do ser, que ora é, ora não é aquilo que era, mas é algo diferente do que era: o que é, pode ser um constante *vir-a-ser* do que não é, e será. Ou seja, o movimento do ser passado, presente (que constantemente escapa aos olhos) e a perspectiva de futuro é a realização própria de transformação da identidade do ser. Ademais, o fogo e o rio são os símbolos de fluidez do ser que passa, transforma e renova num movimento constante de inovação. Ao mesmo tempo em que o fogo devasta a face externa do objeto queimado, o movimento de interpretação, para um ser vivo, faz brotar novas características que germinavam num movimento de transformação necessária da matéria. Todavia, do fogo vem a “fênix”, ou seja, de uma renovação existencial.

Outra forma de explicar o constante devir do ser é pela obrigatoriedade do seu contrário: “o contrário é convergente e dos convergentes nasce a mais bela harmonia, e tudo segundo a discórdia” (HERÁCLITO, 1973, p. 86). A constante tensão entre forças que se opõe é que gera o movimento da vida. Por exemplo, a tensão entre o arco e a corda gera o impulso da flecha; quanto maior for a tensão, maior será o impulso, o deslocamento, o movimento. Esta é a medida da identidade do ser e não ser: a luta permanente dos contrários.

A luta dos contrários decorre do próprio ser na medida em que o ser a exige no movimento de sua

**Evento:** XXV Jornada de Pesquisa

**ODS:** 4 - Educação de qualidade

identidade. Trata-se de uma luta/discórdia que gera harmonia e não a guerra. Afinal, na contraposição do próprio ser é que se dá ele mesmo e sua construção. É na multiplicidade de seus opostos e tensões que se dá a identidade do ser.

Este pensamento encontra-se como fio condutor da dialética triádica de Hegel. No drama existencial em que nos encontramos ao desenfreadamente buscar sentido para nossa identidade e o movimento que dá vitalidade a nossa existência é que encontramos as constantes contradições da vida. Outrossim, estas contradições do ser e não-ser é que ascentivamente constrõem a identidade do sujeito. Só podemos ver esta construção num processo dialético de luta entre oposições para a síntese da própria identidade que, constantemente entra em conflito com outrem. Este conflito é fato dentro da finitude humana, necessário para o crescimento do humano e, conseqüentemente, para o seu fim.

Desse modo, a contradição, no sentido forte que envolve a combinação de conflito com sua negação, é mortal. Porém, uma vez que essa “negação” não é mero erro intelectual de nossa parte como observadores, mas é essencial para o todo, que está ele mesmo em conflito ontológico, podemos ver que a contradição num sentido forte é o que faz que as coisas se movam e se multipliquem. É sua instabilidade inerente (*Veränderlichkeit*), enquanto a contradição no sentido de conflito é a fonte da instabilidade (TAYLOR, 2005, p. 64).

Na via do movimento de contrários, de transformação constante, de renovação ciclicamente ascentiva é que se dá o devir heracliano. A instabilidade é geradora de conflitos que, na mesma medida de suas contradições se dá o conhecimento. Não obstante, Heráclito desestabiliza o pensamento fundante de seu tempo, e fica como que congelado filosoficamente durante toda a fase do pensamento fundamentalista, metafísico substancial, por não fixar a originalidade das coisas no imóvel, no permanente e no incorrupto, mas justamente colocar no contraditório e no movimento a razão primeira das coisas existirem e terem um sentido. Além do mais, Heráclito é, hoje, um referencial para o pensamento pós-moderno, pois abre portas às diferentes identidades na luta por reconhecimento e dignidade, destarte, sendo imprescindível para reinterpretar o pensamento fundacional e identificador.

Assim, falar de um filósofo da antiguidade com características de pensamento que ultrapassam o seu tempo é uma responsabilidade filosófica que exige constantes atualizações e, ao mesmo tempo, a conservação do pensamento. Ora, Heráclito é um filósofo que abre portas para muitos conceitos da filosofia atual, pela compreensão da multiplicidade e diversidade das relações humanas de: dignidade, direito e responsabilidade social. Assim sendo, Heráclito nos abre a porta “nebulosa da identidade pós-moderna”. Podemos adentrar num mundo que flui, numa identidade que escapa às estruturas fundacionistas [6] já que não estamos mais num contexto de pensamento totalitário e dogmático, mas num processo de olhar para o passado com os olhos da atualização e projeção do futuro. Não podemos mais aceitar estruturas de pensamento alienantes, pois o movimento da vida é de constante luta de compreensão de si, do outro e da sociedade que constantemente se faz e refaz. Para isso, adentramos no pensamento baumaniano com a pretensão de “abrir a janela da vida” e olharmos o mundo que flui, e nesta fluidez, pensarmos a identidade diante das incertezas do nosso

**Evento:** XXV Jornada de Pesquisa  
**ODS:** 4 - Educação de qualidade

tempo.

## 2 A crise chegou até nós: modernidade líquida e as incertezas do nosso tempo

Uma mudança de tempos, estruturas, paradigmas, concepções ideológicas de conhecimento e de afetividade, mudança de geração e de compreensão de mundo, tempo que, para Bauman, é um tempo de liquidez, de incertezas e de medo. A crise, que outrora era constituinte do paradigma humano, agora se torna um paradigma vivencial, neurótico, volátil, inconstitucional da própria existência humana. A crise tornou-se líquida. A identidade se liquefez. O mundo tornou-se líquido, flutuante num mar inconsistente, sem âncora, volátil e passageiro. Não há mais onde firmar os pés e até mesmo o chão da vida tornou-se areia movediça que engole aqueles que nele tentam se firmar. É um mundo de caos, de dramas, de frustrações, um mundo sem chão.

Esta é a grande angústia que perpassa o pensamento de Bauman, e que, sob o viés da pesquisa filosófica, ficamos à deriva para expressar a permanência do pensamento, das vivências comunitárias, do próprio homem. Se de antemão Heráclito já nos apontava para a contínua mudança do ser e da necessidade de rever situações sempre com novos olhos para o novo real, agora Bauman nos ajuda a olhar pela “janela do mundo” e perceber que tudo o que antes se apresentava com solidez, sendo um ponto de partida às questões do próprio homem, agora encontra-se fragmentado. O problema consiste em como, partindo de uma análise social, tornar o ideal humano uma resistência concisa frente a fluidez do pensamento pós-moderno? Sem presunção de dar qualquer caminho utópico, apresento aqui, com luzes de Zygmunt Bauman, uma filosofia política e social que abre as portas para um olhar da realidade vivencial comunitária na atualidade e atualiza o pensamento heracliano do movimento, porém agora, sem a certeza de que ainda há o que se solidificar nos conceitos da identidade moderna.

Zygmunt Bauman, ao se deparar com a falta de conceitualização do que viria a ser esta nova realidade, paradigma, de pós-modernidade, inaugura o conceito de mundo líquido. Esta constatação é a percepção da mudança de tempos onde tudo é líquido, tudo escapa às mãos. O mundo, o amor, as relações, as escolhas de vida e inclusive os projetos de vida. Nada escapa mais à liquidez. Por isso, para Bauman, estamos vivendo uma Modernidade Líquida. Assim, em seu livro intitulado *Tempos líquidos* (2007), Bauman traça um diagnóstico desta mudança de tempos, que se resume, basicamente, à 5 características fundamentais, que hoje são um itinerário para compreender as relações humanas e, para nós, a falta de pertença no que tange à comunidade social.

A primeira característica é a passagem do mundo sólido – moderno – para o mundo líquido – pós-moderno. A compreensão desta mudança de pensamento estrutural é fundamental para a compreensão do pensamento Baumaniano e, conseqüentemente, do pensamento presente no novo século. A passagem do século XX para o XXI trouxe à tona incertezas, medos e angústias. Aquilo que ancorava a existência humana, que era a fundação do projeto de vida e da estabilidade humana, agora desperta para a incerteza, por um viés de ruína fundacional. As escolhas se tornaram provisórias, as coisas que outrora foram feitas para durar, tornaram-se curtas, descartáveis, líquidas. Não há mais solidez e estabilidade no amor, no trabalho e na fé. A escolha definitiva, o “para sempre” perdeu sentido. Tudo é passível de mudança, de transformação e até mesmo de contradição.

**Evento:** XXV Jornada de Pesquisa

**ODS:** 4 - Educação de qualidade

A solidez das grandes instituições, que davam suporte para o projeto de vida, já não se sustentam mais. Isso, percebe-se, por exemplo, na Igreja que perdeu a tutela das verdades [7]. A Bíblia passou a ser tradição mitológica, no sentido negativo e pejorativo, devido a ascensão do paradigma positivista. E ainda, a própria ciência perdeu sua estabilidade pela contingencialidade da física quântica, pelo fim das metanarrativas e pelo surgimento das interpretações diversas na pós-modernidade. A família não é mais nuclear. Pra Byung-Chul Han, “a perda moderna da fé, que não diz respeito apenas a Deus e ao além, mas a própria realidade, torna a vida contraditória” (2017, p. 44). Portanto, não se trata de fazer um juízo qualitativo, mas descrever as mudanças ocorridas na mudança de paradigma.

A segunda característica é a separação do poder e com o Estado. O que a modernidade tinha como certeza, na tutela do Estado, enquanto portador do poder, e garantia de sustento do povo, hoje é apenas um agente de manobra dos verdadeiros poderosos do mundo. Mas com quem o poder impera? Com o Mercado! As grandes corporações, multinacionais, é que ditam as novas regras. A política se prostra em vista do poder econômico, do investimento, do trabalho e da “boa imagem” que estas grandes corporações produzem dentro do Estado. Para manter uma pequena governabilidade, a política se torna súdita do poderoso Mercado.

Uma terceira característica é a intensa sensação de insegurança, tanto do povo, quanto das instituições. Aliás, a crise das instituições gerou uma insegurança tal, que o outro tronou-se concorrente, adversário. A alteridade, tão fortemente refletida no século XX, agora torna-se uma utopia, que não faz sentido num mundo de negociações. O estrangeiro, o “estranho”, todo aquele que não faz parte de um grupo de iguais, torna-se motivo de medo, de temor e de terror. As comunidades fecham seus vínculos de proximidade. Surge a xenofobia. Aumenta o racismo, a intolerância religiosa e afetiva. A repressão moral retorna com o medo da perda de controle do outro. O terrorismo é sempre uma possibilidade presente. Defender a propriedade privada tornou-se argumento para o rearmamento do povo. A segurança pública ganha os holofotes em campanhas eleitorais, superior à educação, à saúde e ao saneamento básico. O medo do outro é uma realidade cada vez mais presente na sociedade.

A quarta característica desta mudança de tempos é a falência do planejamento de vida a longo prazo. Devido à incerteza do futuro das instituições, a constante mudança tecnológica, o temor, a liquidez das relações, é que não faz mais sentido projetar a vida a longo prazo. Hoje, os projetos são a curto prazo, ademais com aludido acima, a vida é fragmentada. O histórico de sucesso não projeta um futuro de sucesso. As atualizações – tecnológicas – são um imperativo, com o escopo de evitar que nos tornar obsoletos.

[...] o colapso do pensamento, do planejamento e da ação a longo prazo, e o desaparecimento ou enfraquecimento das estruturas sociais nas quais estes poderiam ser traçados com antecedência, leva a um desmembramento da história política e das vidas individuais numa série de projetos e episódios de curto prazo que são, em princípio, infinitos e não combinam com os tipos de sequências aos quais conceitos como "desenvolvimento", "maturação", "carreira" ou "progresso" (todos sugerindo uma ordem de sucessão pré-ordenada) poderiam ser significativamente aplicados. Uma vida assim fragmentada estimula orientações "laterais", mais do que "verticais" (BAUMAN, 2007, p. 9).

**Evento:** XXV Jornada de Pesquisa

**ODS:** 4 - Educação de qualidade

Vendo esta grande crise, das instituições, dos poderes, das estruturas sólidas, do projeto de vida e das relações concretas do homem social, temos a última característica que, para Bauman, é um resultado existencial: a responsabilidade sobre o resultado, a culpa, o “peso nos ombros”. A incerteza é geradora de um fardo social que desgasta o ser humano e se transforma em neurose. Temos aí uma sociedade dos transtornos neurológicos e do cansaço. Tempos de transtornos e síndromes: Hiperatividade, transtorno de personalidade, síndrome de Burnout, transtornos no desenvolvimento psicológico, de humor, de afetividade, emocional e de comportamento.

O mundo provoca um ritmo acelerado na vida do indivíduo. Todos devem estar conectados, atualizados e ativos no meio social[8]. Além do mais, toda a atividade deve trazer satisfação, toda a atividade deve ter uma carga de positividade. Estamos na era do excesso de positividade (cf. Byung-Chul Han, 2017). As patologias surgem em meio às psiquês estressadas e sobrecarregadas. O ser humano não consegue viver em meio a pressão da transitoriedade da vida.

Incapazes de reduzir o ritmo estonteante da mudança, muito menos prever ou controlar sua direção, nos concentramos nas coisas que podemos, acreditamos poder ou somos assegurados de que podemos influenciar: tentamos calcular e reduzir o risco de que nós, pessoalmente, ou aqueles que nos são mais próximos e queridos no momento, possamos nos tornar vítimas dos incontáveis perigos que o mundo opaco e seu futuro incerto supostamente têm guardado para nós. Nossa atenção é chamada para observar “os sete sinais do câncer” ou “os cinco sintomas da depressão”, ou para exorcizar o espectro da pressão alta, do nível alto de colesterol, do estresse ou da obesidade. Em outras palavras, buscamos alvos substitutos sobre os quais possamos descarregar o medo existencial excedente que foi barrado de seus esquadros naturais, e encontramos esses alvos paliativos ao tomarmos cuidadosas precauções contra a inalação da fumaça do cigarro de outra pessoa, a ingestão de comida gordurosa ou de “más” bactérias (ao mesmo tempo em que sorvemos os líquidos que prometem conter as “boas”), a exposição ao sol ou o sexo desprotegido. Aqueles que podem dar-se ao luxo de se fortalecerem contra todos os perigos, visíveis ou invisíveis, atuais ou previstos, familiares ou ainda desconhecidos, difusos, porém ubíquos, protegendo-se por trás de muros, equipando os acessos a moradias com câmeras de TV, contratando seguranças armados, dirigindo carros blindados (como os notórios veículos utilitários esportivos), usando trajes à prova de balas ou aprendendo artes marciais. “O problema”, para citar mais uma vez David L. Altheide, “é que essas atividades reafirmam e ajudam a produzir um senso de desordem que nossas ações precipitam”. Cada fechadura extra na porta da frente, em reação aos sucessivos rumores sobre criminosos de aparência estrangeira cobertos por mantos cheios de adagas, e cada revisão da dieta, em resposta aos sucessivos “pânicos alimentares”, fazem o mundo parecer mais traiçoeiro e assustador, e estimulam mais ações defensivas - que vão, infelizmente, acrescentar vigor à capacidade do medo de se autopropagar (BAUMAN, 2007, p. 17).

A aceleração da vida do homem líquido injeta no sangue da sociedade um sentimento de pertença que também está em falência. A aparente ascensão conservadora também é transitória, pois não encontra sustentação em um mundo mercadológico da afirmação do descartável. É, aí, o momento de produzir uma resistência frente a estrutura líquida!

**Evento:** XXV Jornada de Pesquisa

**ODS:** 4 - Educação de qualidade

Dois grandes eixos são constituintes de uma comunidade: o sentimento de pertença e o reconhecimento da própria identidade. Ambos estão nesta mesma crise de liquidez. Porém, há um passo de reconhecimento, pertencimento e busca de igual dignidade do ser humano, que reformaria nossa capacidade de formar comunidade. Neste sentido, trazemos a filosofia de Charles Taylor, apresentando que há uma possibilidade de caminhar em busca da identidade pessoal a partir do diálogo. Voltar à identidade do ser humano é reavivar o sentimento de pertença de si mesmo e deste mundo social.

### 3 Comunidade do diálogo: caminhos para pensar a identidade

Não é necessário nos deslocarmos da realidade para pensar uma saída do problema da liquidez moderna dos conceitos e da existência. Basta apenas voltar o olhar para o seio da existência humana e sua originalidade. Mesmo neste ambiente nebuloso, Charles Taylor nos apresenta uma característica peculiar do *self*: “a fonte com a qual temos que nos conectar está no fundo de nós” (2011, p. 35), isto é, no fundo de nossa originalidade identitária[9]. Apesar da fragmentação das coisas, dos conceitos e das estruturas institucionais que mantém os vínculos formativos de nossa identidade, ainda há um suspiro de esperança nas relações quotidianas do ser humano. Uma característica fundamental da vida humana é que estamos constantemente nos relacionando uns com os outros. E estas relações são cruciais para pensarmos a nós mesmos. É no diálogo com o outro que nos reconhecemos como diferentes, alguém com identidade única[10] e original, diferente do outro agente do diálogo. É no diálogo que a vida torna-se, reconhecidamente, uma identidade única, pertencente a um grupo que se relaciona identitariamente, tendo a noção de si mesmo na relação com os demais.

A característica comum da vida humana que quero evocar é o seu caráter fundamentalmente *dialógico*. Tornamo-nos agentes humanos completos, capazes de entender nós mesmos e, portanto, de definir uma identidade através de nossa aquisição de linguagens humanas ricas de expressão (TAYLOR, 2011, p. 42).

A linguagem, para Taylor, é o campo com o qual se trabalha a noção de existência do ser humano. É pela linguagem que o homem é capaz de criar conceitos e valores que vão nortear suas noções de bem, de justiça, de dignidade, de política e da própria comunidade. O diálogo põe o ser humano na relação. Não é possível existir diálogo sem o outro. Desta forma, a identidade é sequencialmente formada na relação dialógica com a comunidade, na qual, o homem está inserido. É com a comunidade de agentes estabelecida que as relações vão criando identidades que podem ser narradas na sua caminhada de vida. Ora, se podem ser narradas e dependem do diálogo com o outro para o reconhecimento da identidade original, então podemos ter a noção que a história continua, além disso, não temos como engessar a identidade, pois está em constante relação e formação.

Não é à toa que o “quem sou eu” é a questão da modernidade. Nunca antes o homem esteve

**Evento:** XXV Jornada de Pesquisa

**ODS:** 4 - Educação de qualidade

envolvido numa liberdade como tal, que precisa deliberar sobre sua narrativa de vida no mundo. Se antes cada qual já nascia dentro de um contexto identitário, seja, por exemplo, nobreza ou plebe, sem a necessidade de forjar no seio de sua angústia existencial a questão de si mesmo, a modernidade incutiu no pensamento humano a liberdade que busca a autenticidade. Para Taylor, não há autenticidade sem o reconhecimento de valores morais que se tornam um “bem maior ou menor”<sup>[11]</sup> para que um passo no horizonte da vida seja um passo a mais na narrativa<sup>[12]</sup> da própria identidade.

O que nos responde de fato essa interrogação é uma compreensão daquilo que tem importância crucial para nós. Saber quem sou é uma espécie de saber em que posição coloco-me. Minha identidade é definida pelos compromissos e identificações que proporcionam a estrutura ou o horizonte em cujo âmbito posso tentar determinar caso a caso o que é bom, ou valioso, ou o que se deveria fazer ou aquilo que endosso ou a que me oponho. Em outros termos, trata-se do horizonte em que sou capaz de tomar uma posição (TAYLOR, 1997, p. 43 - 44).

Taylor nos lembra que, ao criarmos uma narrativa sobre “quem sou eu”, esta narrativa precisa ser uma comunhão do que sou hoje, da minha história de vida, ou seja, do passado, e daquilo que projeto para o meu futuro. As escolhas de ontem e de hoje lançam a vida para o amanhã. Ora, se a identidade narrativa, atrelada aos valores, ao horizonte de significados e aos bens estabelecidos pela minha relação com a comunidade pode me projetar para o futuro, então podemos ter a possibilidade de falar a identidade de forma parcial mas consciente da própria originalidade. Pois, “o que sou tem que ser entendido como aquilo que me tornei” (TAYLOR, 1997, p. 71). Taylor salienta a importância da narrativa na orientação da identidade, pois, “a narrativa precisa desempenhar um papel maior que a mera estruturação do meu presente” (TAYLOR, 1997, p. 71), compreendendo aquilo que sou, num processo histórico de reconhecimento das orientações desenvolvidas, das formas de escolha, dos desejos e aspirações.

Não obstante, pensar na capacidade de reflexão da identidade pessoal é compreender a história do próprio agente humano na vivência de relações com seus significantes, sejam pessoas, coisas, sentimentos ou projetos. Para isto, Charles Taylor conclui que,

[...] minha descoberta de minha identidade não implica uma produção minha de minha própria identidade no isolamento, significa que eu a nego por meio do diálogo, parte aberto, parte interno, com o outro. Eis porque o desenvolvimento de um ideal de identidade gerada interiormente dá uma nova importância ao reconhecimento. Minha identidade depende crucialmente de minhas relações dialógicas com os outros (2000, p. 248).

**Evento:** XXV Jornada de Pesquisa  
**ODS:** 4 - Educação de qualidade

Ao pensar na narrativa da história do ser humano, Taylor quer reforçar o pensamento de que a reflexão da identidade pessoal pela história é, de certa forma, uma estruturação do próprio *self*. Isso requer, primeiramente, um impulso em reconhecer-se como agente condutor da própria história. Saber reconhecer-se como protagonista, condutor, diretor da própria história, é movimentar-se para a orientação das suas escolhas. Saber reconhecer-se no espaço moral [13], numa comunidade de relações entre os demais agentes, é projetar-se.

Em outros termos, o agente humano precisa saber qual é a posição moral em que se encontra na comunidade para ter a capacidade de projetar-se. A base de um projeto de vida é o autoconhecimento. Não basta apenas saber colocar-se no espaço moral como mero vivente entre outros viventes, mas buscar um sentido das vivências. Este sentido é a causa da busca pela autenticidade da própria identidade. Sem esta luz que se volta para o próprio interior do ser humano, fazendo despertar para as relações dialógicas com a comunidade em que está inserido, jamais poderíamos adentrar no espaço nebuloso da identidade que se faz na interação humana, gradativamente histórica, narrativa e atrelada a valores constituintes do *self*.

## Considerações finais

Diante do caos, do assombro e da fragmentação de estruturas que ancoravam a existência humana, ainda temos um suspiro filosófico que é a capacidade de dialogar. O diálogo nos dá possibilidade de continuar a caminhada pelo “chão da vida”. Se não podemos engessar uma identidade pessoal que possa ser exposta na sua totalidade, então podemos formá-la continuamente num espaço valorativo e provisório. A provisoriedade, hoje, é a maior riqueza da vida. Porém, há de se ter um contínuo esforço de não atrelarmos a identidade a estruturas alienantes que mascaram a originalidade do homem de estar a construir a si mesmo e a construir mundos para a comunidade de relações da vida. Se há um processo de fragmentação dos valores, há também um processo humano de reconhecimento de si mesmo e do outro vivente. E este reconhecimento é crucial para a vida em comunidade. Um reconhecimento da diferença e da igualdade, ambas atreladas a valorização da vida, sem qualquer possibilidade de exclusão. Se tudo fui, se tudo muda, esta é a oportunidade de fazer fluir a narrativa do mundo desigual, numa busca constante das utopias modernas de igualdade, fraternidade, liberdade e, hoje, mais do que nunca, solidariedade.

Evento: XXV Jornada de Pesquisa  
ODS: 4 - Educação de qualidade

## Referências

ABDU, Eduardo de Carvalho A. O conceito de identidade em Heráclito de Éfeso. **Revista Uniube**. v. 1, n. 1. 2011. Disponível em: <<http://www.revistas.uniube.br/index.php/article/view/390/412>> Acesso em: 09 de out. de 2019.

AIUB, Monica. Heráclito de Éfeso: o sábio devir. **Revista Filosofia Ciência & Vida**. Ano IX. ed. 119. n 6. Editora Escala: jun/2016. Disponível em: <http://www.institutointersecao.com.br/artigos/Monica/heraclito.pdf>. Acesso em 10 de out. de 2019.

ARENDT, Hannah. **A condição humana**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000.

BAUMAN, Zygmunt. **Tempos líquidos**. Trad. Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.

BAUMAN, Zygmunt. **44 cartas do mundo líquido moderno**. Trad. Vera Pereira. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2011.

DERRIDA, Jacques; VATTIMO, Gianni. **A religião: Seminário de Capri**. São Paulo: Estação Liberdade, 2000.

HADOT, Pierre. **Wittgenstein e os Limites da Linguagem**. São Paulo: Realizações, 2009.

HAN, Byung-Chul. **Sociedade do cansaço**. Trad. Enio Paulo Giachini. Petrópolis: Vozes, 2017.

HERÁCLITO DE ÉFESO. **Os Pré-Socráticos: Heráclito**. São Paulo: Abril Cultural, 1973. p. 85-97. (Coleção Os Pensadores).

Evento: XXV Jornada de Pesquisa  
ODS: 4 - Educação de qualidade

HEGEL, G. W. F. **Os Pré-Socráticos:** Heráclito. São Paulo: Abril Cultural, 1973, p. 98-116 (Coleção Os Pensadores).

MORAES, Fernando. **A arte de pertencer.** Ribeirão Preto: Novo Conceito Editora, 2015.

NIETZSCHE, F. **Os pré-socráticos:** Heráclito. Trad. Rubens Rodrigues Torres Filho. São Paulo: Abril Cultural, 1973, p. 108-116. (Coleção Os Pensadores).

RICOEUR, Paul. **O si mesmo como um outro.** Trad. Lucy Moreira Cesar. Campinas: Papyrus, 1991.

STEPHEN, Alain. **Filosofia para apressadinhos:** as maiores citações filosóficas de todos os tempos e o que elas realmente significam. Trad. Jorge Ritter. São Paulo: Editora Cultrix, 2014.

SARTRE, J. P. **O ser e o nada:** ensaio de ontologia fenomenológica. Trad. Paulo Perdigão. Petrópolis: Vozes, 2001.

TAYLOR, Charles. **Hegel e a sociedade moderna.** Trad. Nélio Schneider. São Paulo: Edições Loyola, 2005.

TAYLOR, Charles. **A ética da autenticidade.** Trad. Talyta Carvalho. São Paulo: Realizações Editora, 2011.

TAYLOR, Charles. **Argumentos filosóficos.** Trad. Adail Ubirajara Sobral. São Paulo: Edições Loyola, 2000.

TAYLOR, Charles. **As fontes do self:** a construção da identidade moderna. Trad. Adail Ubirajara

Evento: XXV Jornada de Pesquisa  
ODS: 4 - Educação de qualidade

Sobral. São Paulo: Edições Loio

[1] Ver HADOT, Pierre. **Wittgenstein e os Limites da Linguagem**, São Paulo, Realizações: 2009.

[2] Ver SARTRE, J. P. **O ser e o nada**: ensaio de ontologia fenomenológica. Petrópolis: Vozes, 2001.

[3] Ver ARENDT, Hannah. **A condição humana**. Ed. Forense Universitária: Rio de Janeiro, 2000.

[4] Filósofos Pré-Socráticos que compõe o grupo de “filósofos do cosmos”, que pretendiam explicar os fenômenos naturais do mundo, superando a interpretação da mitologia, uma vez que era insuficiente. Tales de Mileto acreditava que a água seria a substância original de todas as coisas. Para Anaxímenes, o ar era a substância primeira que compunha todas as coisas. Anaximandro dizia ser o *ápeiron*, o princípio de tudo e Parmênides foi quem primeiro empregou a ideia do ser como atemporal, uniforme, necessário e imóvel, enquanto a mudança, defendida por Heráclito, seria impossível. Este grupo de pensadores gregos realizaram sua filosofia do princípio da vida nos sécs. VI a IV a. C., na Jônia – colônia da Grécia – centro da cultura Grega na época.

[5] Preferimos manter o termo no inglês, pois, dentro da filosofia de Charles Taylor, há uma característica particular do “eu”. Para tanto, preferimos não traduzir o *self* com o objetivo de manter o pensamento Tayloriano, conforme as traduções das obras de Charles Taylor. *Self*, para Taylor, significa nossa própria identidade em sua originalidade. Ou seja, aquilo que somos, de onde viemos, o que queremos, o que nos torna diferentes. Além do mais, “definir-me significa encontrar o que é significativo na minha diferença dos demais” (TAYLOR, 2011, p. 45).

[6] Quando nos referimos às “estruturas fundacionistas” colocamos as questões feitas pelos modernos estruturadas na metafísica fundacional, dos conceitos fechados e acabados, do próprio homem limitado a sua pré-definição. Enfim, tudo o que ignora e exclui o diferente, o estrangeiro, o incerto e o nebuloso.

[7] Ver DERRIDA, Jacques; VATTIMO, Gianni. **A religião**: Seminário de Capri. São Paulo: Estação Liberdade, 2000.

[8] Inclusive os termos utilizados nas mídias sociais, passam a vigorar no mundo real.

[9] O que entendemos aqui por originalidade da identidade, corresponde ao pensamento de Charles Taylor, onde não temos uma predefinição da identidade, mas há uma bagagem moral e histórica onde o agente humano está inserido. Esta bagagem tem fortes influências na formação da identidade pessoal de cada agente. Assim, quando falamos em originalidade, falamos na relação humana com o próprio passado, com o mundo em que vive, enfim, com sua história. É na narrativa histórica e no diálogo com os outros que se pode pensar a respeito da própria identidade.

**Evento:** XXV Jornada de Pesquisa

**ODS:** 4 - Educação de qualidade

[10] Cabe aqui ressaltarmos que, em Charles Taylor, temos a possibilidade de projetar e construir nossa própria identidade, mas sempre na relação com os demais agentes sociais. Além do mais, nossa identidade está intrinsecamente atrelada à coletividade. Não há indivíduo sem o coletivo, sem uma identidade cultural, nacional, comunitária, assim, há de se ter consciência de que somos constituídos or nossa originalidade na individualidade e na coletividade.

[11] “Uma perspectiva ética organizada desse modo em torno de um hiperbem é, portanto, inerentemente conflituosa e tensa. O bem mais elevado não somente é situado acima dos outros bens reconhecidos da sociedade, como pode, por vezes, refutá-los e rejeitá-los, como vem fazendo o princípio de respeito igual a todos em relação aos bens e virtudes vinculados à vida familiar tradicional, como o judaísmo e o cristianismo fizeram com os cultos das religiões pagãs e como fez o autor da *República* com os bens e virtudes da vida agonística do cidadão. É por isso que reconhecer um hiperbem é fonte de tensão e, com frequência, de dolorosos dilemas da vida moral” (TAYLOR, 1997, p. 93).

[12] O conceito de identidade narrativa de Charles Taylor é similar ao conceito de unidade narrativa de Paul Ricoeur: “A ideia de unidade narrativa de uma vida nos assegura assim que o sujeito da ética não é diferente daquele a quem a narração destina uma identidade” (RICOEUR, 1991, p. 2010).

[13] O espaço moral, referido aqui, é o espaço de diálogo constitutivo social. “Definimos nossa identidade sempre em diálogo com as coisas que nossos outros significantes desejam ver em nós – e por vezes em luta contra essas coisas” (TAYLOR, 2000, p. 246).

**Parecer CEUA:** 640.285